

Lina de Albuquerque

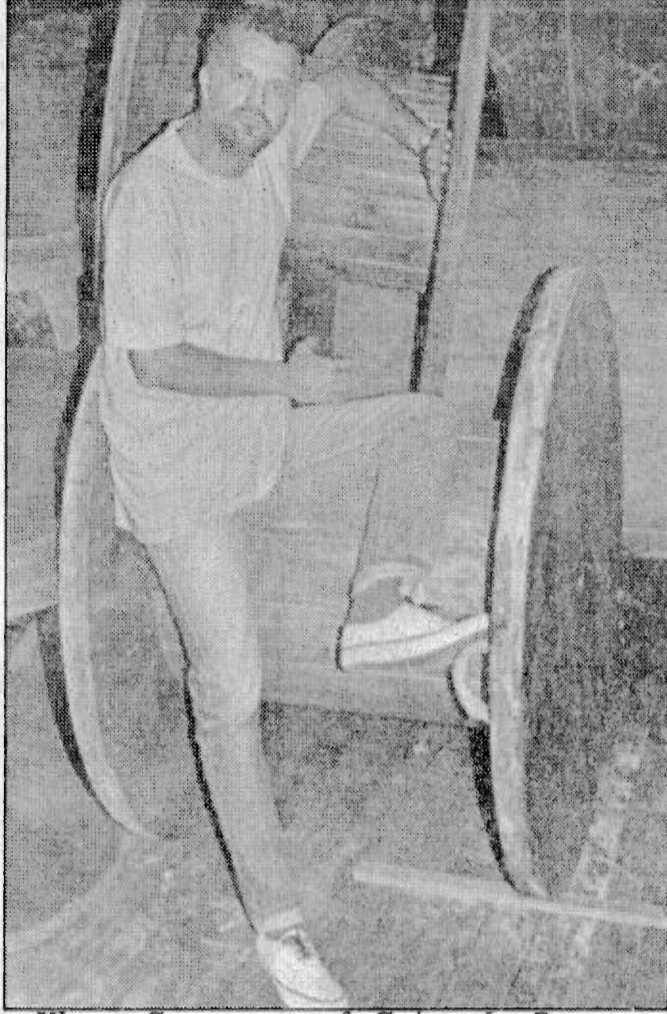
SÃO PAULO — Um dia uma bobina enorme, des-sas para enrolar fio de Aço, desprende-se da carga de um caminhão, sendo levada próxima ao carro do diretor da recém-montada **Corpo de baile**, adaptação teatral do livro de mesmo título do escritor João Guimarães Rosa, em cartaz desde o final da semana passada no Teatro João Caetano, em São Paulo. Naquele mesmo momento, surge na cabeça de Ulysses Cruz, consagrado pela direção de **Velhos marinheiros**, de Jorge Amado, um elemento importantíssimo para a sua releitura mais revolucionou a literatura nacional dos anos 50.

A bobina poderia ter provocado um acidente. Ao invés disso, foi recebida pelo jovem diretor como **Um boi voador**, expressão matogrossense que significa **boa notícia**, e também nome do seu grupo nascido no Centro de Pesquisa Teatral do SESC-Vila Nova (CPT). As inúmeras rodas de peroba, inspiradas por aquele desastre, acabaram se encaixando, na opinião de Ulysses, "como uma luva" no cenário de **corpo de baile**, definido pelo próprio Guimarães Rosa como "uma grande coreografia". Movimentadas durante todo o espetáculo pelos 15 atores que integram o elenco, elas representam, segundo o diretor paulistano, o círculo, a espiral do tempo pela qual o escritor mineiro era fascinado.

Terceira produção do **Boi voador** que além de **Velhos marinheiros** também já montou **O despertar da primavera**, de Frank Wedekind (que, por sinal, será relançada no Rio no dia 15 de junho, no Teatro Glauce Rocha), **Corpo de baile**, composto por sete novelas cujos temas envolvem a memória e a paixão, propõe-se a recuperar as imagens surgidas a partir da leitura do texto de Guimarães Rosa. Adaptado por Jayme Compri e coreografado por Mariana Muniz, ambos também responsáveis pela sua direção adjunta, o espetáculo se distancia do realismo — é antes um "eco" baseado nas sugestões da linguagem roseana, ou como prefere o diretor, "uma roseopia da obra de Guimarães Rosa". "Rosa é um escritor singular que ultrapassa os limites da lógica. A proposta do nosso grupo não foi a de refazer a sua literatura no palco, mas trabalhar as possibilidades de imagens por ela gerada no nosso inconsciente", explicou.

Paixão do Boi Voador pelo Baile de Rosa

Ariovaldo dos Santos



Ulysses Cruz coreografa Guimarães Rosa no Teatro

No entanto, durante os primeiros oito meses de ensaio (cinco antes da estréia), as novelas foram conduzidas de acordo com as boas regras do realismo. Até que um dia, Jayme Compri, àquela altura já entediado com o rumo tomado pelo espetáculo, propôs um exercício chamado **Corpo de boi**: depois de expressar o texto apenas corporalmente os atores passariam a reunir as passagens mais marcantes de cada leitura individual. A terceira etapa, junção desses dois momentos, pode ser conferida no Teatro João Caetano: uma montagem fragmentada, muito

plástica, de coreografia perfeita, mas com um corpo textual ainda pouco definido. O próprio Ulysses Cruz admitiu na estréia. A verdade é que **Corpo de baile** foi projetada para um palco pelo menos cinco vezes maior. Ensaçada durante 13 meses num enorme porão do Centro Cultural São Paulo, ela deveria ser levada ao TUCA, célebre teatro da PUC, mas os custos da reforma naquele teatro inviabilizaram a idéia inicial.

"Não estamos mesmo prontos", confessou Ulysses Cruz, para quem o seu **Corpo de baile** será sempre uma dança de mantação. Na peça também aparecem muitas lembranças da sua infância, num sítio em Sorocaba, no interior de São Paulo: em **Minguilim** nome de uma das novelas e o personagem de Guimarães Rosa com o qual mais se identifica, lança no Cenário uma abóbora, recordação de um presente do pai, delegado em Sorocaba: "Quando vi aquela abóbora na minha frente, nunca deixei que a transformassem em doce, ela virou para mim um universo".

Ulysses Cruz começou a se interessar por teatro desde o dia que, com doze anos, entrou pela primeira vez num teatro para assistir à peça **A megera domada**, de Shakespeare, estréia de Regina Duarte como atriz, dirigida por Antunes Filho. O que ele não poderia imaginar, no entanto, é que 16 anos mais tarde começaria a trabalhar como assistente do próprio Antunes, no CPT do Sesc Vila Nova, participando das montagens de **Macunaíma**, **Nelson 2 Rodrigues** e **Romeu e Julieta**.

Desligado do diretor desde 1984, ele ainda o aponta, ao lado de Gerald Thomas, José Possi Neto e de alguns grupos de teatro amador de Londrina, como Proteu e Delta, como os maiores renovadores da linguagem do teatro brasileiro. Para ele, o grupo **Boi voador** ainda é financeiramente inviável — aliás, confessa ter ganho dinheiro com teatro uma única vez: quando dirigiu **Fragmentos de um discurso amoroso**, de Roland Barthes, com Antônio Fagundes, mas é com o **Boi** que pretende caminhar daqui para a frente. E, confirmando sua natureza mística, chama a atenção para uma frase de Guimarães Rosa, como que nascida para o grupo: "Acredito ainda em outras coisas, no boi, por exemplo, mamífero voador, não terrestre".



A cor do seu destino também está na mostra



O clássico Macunaíma para americano ver

NOVA IORQUE — Um programa de 13 filmes brasileiros, que se estenderá até 9 de junho, será inaugurado hoje no Public Theater, de Nova Iorque. A mostra inclui trabalhos recentes de Ana Carolina, Bruno Barreto, Walter Lima Jr. e Roberto Farias, além de clássicos do cinema brasileiro: **Deus e o diabo na terra do sol** (1969), de Glauber Rocha, e **Macunaíma** (1969), de Joaquim Pedro de Andrade.

A série será aberta com o filme **Ele, o boto**, o mais recente de Walter Lima Jr., considerado um dos representantes máximos do "cinema novo", baseado numa lenda amazônica. Também estão anunciados **O sonho não acabou**, de Sérgio Rezende, filme que conta a vida de um estudante em Brasília, e **Pra frente Brasil**, drama político que se desenrola durante a Copa do Mundo de futebol em 1970.

Filmes do Brasil em Nova Iorque

Outras produções presentes na mostra são:

A cor de seu destino, do chileno Jorge Durán, radicado no Brasil, que narra a adolescência de chileno que vive no Rio atormentado pelas lembranças de sua infância e a morte de seu irmão durante o golpe de estado que derrubou Salvador Allende;

Besame mucho, de Francisco Ramalho Jr., visão nostálgica da vida de dois casais de

amigos nas décadas de 60 a 80, com José Wilker, Glória Pires e Antonio Fagundes como protagonistas;

Leila Diniz, de Luiz Carlos Lacerda, sobre um mito feminino brasileiro dos anos 60, com Louise Cardoso;

Anjos da noite, de Wilson Barros, com Zezé Motta, Marília Pera e Antonio Fagundes.

Por último, Ana Carolina, uma das mais destacadas realizadoras do cinema brasileiro, apresentará **Sonho de valsa**, com Xuxa Lopes e Ney Matogrosso, com música de Milton Nascimento.

A mostra de filmes brasileiros faz parte do Brasil Projects, evento cultural e artístico apresentado pela Sociedade Arte Brasil de São Paulo e patrocinado pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil e algumas entidades privadas.